

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 16 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 55.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
O nosso 1º anniversario..	
O Jury da Morte.....	C. DE AZEVEDO.
A «Revista Popular»....	V. M.
Dúlla, poesia.....	A. DE SOUZA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Contos a premio.....	
Um soneto Inédito.....	J. BONIFACIO.
O Retardatario.....	Concurrente n.º 0
A Trança.....	PAULA NEY.
Sport.....	L. M. BASTOS.
A idade do Papá.....	ADELINA VIEIRA.
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Theatros.....	P. TALMA.
O Carreiro.....	A. FURTADO.
Factos e Noticias.....	
Instrução publica.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Somente com o proximo numero poderemos distribuir aos Srs. assignantes do anno passado o indice al phabetico das materias contidas no primeiro volume d'A *Semana* e a folha de frontispicio que haviamos prometido para o numero de hoje.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro logar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

O nosso primeiro anniversario

«A SEMANA»

Os nossos collegas, redactores d'este periodico, festejaram no dia 3, o primeiro anniversario de sua fundação, offerecendo aos seus collegas de imprensa e a alguns amigos um delicado e profuso lunch, que foi servido no escriptorio da folha sobre as proprias mesas de trabalho.

Da imprensa diaria fizeram-se representar o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Gazeta da Tarde* e esta folha. Estiveram presentes muitos homens de letras e trocaram-se numerosos brindes.

Mais uma vez saudamos a sympathica e brilhante *Semana* pela sua esplendida victoria, comprimentando o seu director o nosso collega Dr. Valentim Magalhães. Por todas as razões é digna de prospero e glorioso futuro a unica folha que possuímos com caracter essencialmente litterario.

Durante o lunch distribuiu-se entre os convidados o n. 53, primeiro do segundo anno: além de magnificamente escripto, apresenta varios aperfeiçoamentos materiaes dignos de nota.

Parabens á *Semana*.

(Da *Gazeta de Noticias*.)

«Exuberante de vitalidade, animada pelas mais auspiciosas esperanças de longo e brilhante futuro, entrou hontem A *Semana*, com o n. 53 ora distribuido, no seu segundo anno de existencia. Em um bem lançado artigo explicativo, o seu talentoso e indefesso director assim se exprime: (Seguia-se um trecho da *Historia dos sete dias*.)»

(D'O *Paiz*.)

«A SEMANA»

Hontem, ao meio-dia, reuniram-se no edificio da redacção d'A *Semana*, a convite do seu director, quasi todos os redactores e collaboradores da mesma, assim como diversos representantes das folhas diarias e periodicas da côrte, afim de festejarem o 1º anniversario da criação d'aquelle orgão litterario, inquestionavelmente a mais bem elaborada e a mais futura de quantas folhas exclusivamente litterarias têm apparecido entre nós durante estes ultimos annos. Esta prospera carreira e justo prestigio são devidos, muito principalmente, aos indefessos e constantes esforços do seu talentoso director, o dr. Valentim Magalhães, e bem assim aos demais companheiros de trabalho, no mister glorioso mas ingrato de levar por deante um empreendimento d'aquelle ordem, em um meio tão infenso ás cousas da litteratura e da arte.

Ao sympathico collega desejamos cordialmente todas as venturas.

(D'O *Paiz*.)

Os nossos collegas da *Semana*, para solemnizar o seu 1º anniversario, reuniram na sala de sua redacção os representantes d'O *Paiz*, *Gazeta de Noticias*, *Gazeta da Tarde* e *Diario de Noticias* e lhes offereceram um delicado lanche onde se trocaram os mais entusiasmaticos brindes.

O *Diario de Noticias* cumprimenta os seus illustres collegas da *Semana*.

(Do *Diario de Noticias*.)

A *Semana*, importante hebdomadario que, sob a direcção do distincto litterato dr. Valentim Magalhães, se publica na Corte, completou e seu primeiro anniversario.

Á sua illustrada redacção enviamos as nossas felicitações por tão auspicioso acontecimento.

(Da *Provincia do Rio*.)

«A SEMANA»

Completo seu primeiro anno de existencia esta primorosa revista litteraria, de que é director o nosso illustrado e distincto collega Valentim Magalhães. Para nós, que conhecemos de perto as mil difficuldades, os numerosos obstaculos que se oppõem ás empresas d'esta ordem, esforçando-se por condemnal-as a uma vida ephemera, os 52 numeros d'A *Semana* representam a resultante de esforços energicos e constantes, contra os quaes nada pode conseguir a resistencia dos espiritos estacionarios, e de que bem poucos dos nossos litteratos se mostrariam capazes. Valentim Magalhães, porém, pertence ao numero d'essas naturezas varonis que, tendo se proposto a uma empresa, hão de leva-la a effeito; e dizer qual tem sido o resultado por elle obtido seria registrar aqui o sem numero de triumphos, de esplendidas victorias que, *au jour le jour*, alcança A *Semana*, impondo-se á admiração dos que sabem avaliar as bellezas de que a aureola uma pleidade de escriptores distinctos.

Enviando ao collega nossos cordiaes parabens, agradeçamos-lhe as amaveis expressões que generosamente nos dispensou em seu ultimo numero, e desejamos-lhe vida prospera e longa.

(D'O Domingo.)

«A SEMANA»

Com o numero 52 encerrou o seu primeiro anno, esta magnifica revista hebdomadaria que se publica na Corte sob a direcção do illustrado jornalista dr. Valentim Magalhães.

Felicitando o estimavel collega pelo seu primeiro anniversario, fazemos sinceros votos para que, passados longos annos, hajamos de o felicitar pela vigesima vez.

Aproveitamos a occasião para agradecer de novo a pontualidade da permuta que se digna fazer conosco.

(D'O Tempo, de S. João do Rio Claro.)

O JURY DA MORTE

Em mez do anno recém-morto contam jornaes de França o processo contra Louis Desprez, um rapazola de talento, auctor de um bello estudo sobre escriptores naturalistas.

Accusado de offensa á moral publica, por haver desenhado em romance de sua lavra factos da vida, sem os arrebiques dos litteratos a Vatteau, engendrando cousas boas e mundos de ideal ventura e pureza, antes narrando o observado com o colorido honesto da realidade, o desventurado auctor vio-se condemnado por meia duzia de pantafaçudos burguezes, enfardados na tolice a mais profunda, a mais besta possivel.

A ira da banalidade, representada por um grupo de microcephalos, atirou-se sobre a misera creança, e, em nome da lei, prendeu-a em carcere de ladrões e bebados.

Fraco de corpo, de uma saude delicada e carecedora de mimos, o talentoso mancebo ganhou em pouco affecção pulmonar que o levou á cova.

E deu-se em Pariz o que venho contando; e ainda naquella terra de liberdade se mata gente por escrever o visto e ouvido!!

Comprehendo agora a cholera desenfreada, o odio biblico, demoniaco, publicado por Zola, no seu esplendido grito de combate—*Mes haines*. É justa

aquella furia contra a indifferença lorpa dos bem jantados e dos peraltas sem brio accusando a litteratura de mister de ocioso; é cabida a cholera relampejante contra a virtude fragil e beata que se arreceia da verdade escripta com intuitos educadores, obra de talento orientado, nota de temperamento litterario.

Saracoteie de gaudio bacchico a virtude social symbolizada pelos juizes de Desprez; morreu na enxovia o ousado cavalleiro das letras, infanção de boa nobreza em desperdicio de coragem.

Mande a moral illuminar as ruas e em véus de estrellejada e rosea gaze envolver o Arco do Triumpho, não ha muito adereçado de crepe por morte de Victor Hugo.

Grande tolice humana, immortal adversaria de todas as manifestações do talento, vamos! escancara a bocca no teu sorriso mais expressivo, e goza, bebeda; empunha o thyrsos e dansa sobre a cova d'essa creança valente que se afundiou na morte por tua culpa.

E como pôde caber na escuridão da cova a aurora inteira de uma intelligencia ousada? E como não explodiu em louca ira, de sob a terra, esse outro volcão, o cerebro do romancista e do critico?

Está contente a Moral; as enodoadas vestes limpou zelosa, e Deus, esse producto da cobardia e da ignorancia humana, deve agora sorrir de satisfeito, alisan-to a longa e prateada barba.

Eu sinto dentro em mim o tumultuar do odio, e sinto a instinctiva necessidade de injuriar esses assassinos, que, em nome de uma collectividade, em nome de um povo heroico e intelligente, bondoso e tradicionalmente bravo, atiram com uma creança a uma enxovia imunda e deixam-na morrer... e deixam-na morrer!...

Desprez teve o heroismo de não supplicar o perdão do presidente da republica, por desconhecer capacidade nos seus juizes, justiça no *verdictum*, legitimidade no processo.

Desgraçada virtude social essa que vinga injurias por meio de crueza de burguezes atoleimados!

O unico tribunal para o livro é o publico leitor; o unico juiz da obra do talento é o consumidor litterario ou scientifico.

Se o livro não presta; se a preocupação luxuriosa foi a determinante do trabalho; se a ancia de exito rebuscou motivos de sensualidade e trouxe a gamma inteira do nú e do indecente; despreze o publico essa mercadoria avariada, varra-a do mercado pelo seu desprezo; deixe morrer á mingua o escriptor corrompido ou estulto.

Mas quando a produção emana de um talento honesto, observador e leal; quando a vida é agarrada em flagrante pelo litterato, e a natureza transmittida pelo prisma do seu temperamento, trazendo o cunho da sua compleição mental, guarde o publico respeito ao producto, embora rejeite o producto.

Arvorar uns tantos idiotas em guardas da honra social; atirar esses gafeiros contra um livro, cujo valor elles não podem apreçar; crear penas contra o litterato, condemnal-o á cadeia, e tudo isso em nome da lei, com o auxilio da força, com o prestigio do direito, é praticar infamia desmarcada.

Sou naturalista convencido, por estudo e não por moda.

Ganhei na meditação e na leitura compassada de tudo o que se tem escripto, romance e critica, sobre naturalismo, o ardimento para essa confissão, já anteriormente lançada em artigo, na *Gazeta de Noticias*, e que me vae agora trazer novos odios. E estimando a litteratura como o partidario a politica e o crente a sua fé, atiro o grito de assanhada cholera contra essa infamia de um assassinato legal.

Dou remate ao meu indignado protesto reproduzindo as palavras de Zola, colhidas em um jornal d'esta Corte; « Neste momento não quero mais saber se nesse assassinato houve um tribunal, jurados, um prefeito de policia; sinto apenas necessidade invencivel de bradar: — Aquelles que mataram essa creança são uns miseraveis!

Côrte, 4 de Janeiro de 1886.

CYRO DE AZEVEDO.

A «REVISTA POPULAR»

Com este titulo começou na capital da Bahia a existencia de uma publicação hebdomadaria sob a principal redacção do Dr. Benjamin Franklin.

Acabamos de ler os quatro numeros vindos a lume e apressamo-nos a dar conta das impressões que nos deixou a sua leitura, para corresponder á amabilidade da visita do recém-nato collega.

Não podiam ser melhores essas impressões. Tão boas foram que começamos logo por felicitar a capital da adeantada provincia pela excellente publicação com que acaba de dotal-a o illustrado Dr. Benjamin Franklin e a este pela idéa da criação dessa revista, pelo excellente plano sob que a organisou e pela admiravel direcção que lhe vae imprimindo.

A *Semana* impoz-se desde o seu inicio, como um dever sagrado—exaltar o merecimento e auxiliar a propaganda de todas as publicações que como a *Revista Popular* — tendo um fim de elevada utilidade, representam o consorcio destas duas gigantesas forças: — talento e trabalho.

Mais uma vez cumprimos hoje, contentissimos, esse grato dever.

Quaes os intuitos da *Revista Popular* dil-o em poucas palavras o seu artigo inaugural:

« A *Revista Popular* vem tomar na arena jornalística do paiz um lugar que parece estar vazio.

Temos jornaes religiosos, politicos, noticiosos, illustrados e não illustrados, temos quasi que em todos os generos; falta-nos, porém, uma publicação de *doutrinação pela sciencia applicada á vida individual ou civica*, uma publicação que possa concorrer para o aperfeiçoamento dos costumes nas relações particulares ou publicas por meio da unica força proficua: a instrucção.

« O nosso fim procurando instruir é: melhorando o estado individual, *melhorarmos o da Patria*; esse é o nosso objectivo final.

« Queremos, pela diffusão de conhecimentos uteis, elevar tão alto a mentalidade dos nossos concidadãos que o patriotismo latente no peito de quasi todos surja impetuoso e fecundo para o progresso nacional.»

E' levada a *Revista Popular* a trabalhar para a realização desse nobilissimo e urgente *desideratum* pela convicção verdadeira de que « o nosso maior mal é a falta de patriotismo e de conhecimento exacto dos factos.»

Lamentamos que nos impossibilite a escassez de espaço a trasladacção integral desse criterioso e eloquente artigo.

Não resistimos todavia, á necessidade — mais que desejo — de repetir os seguintes assertos, ricos de observação e bom senso:

« Onde está a Patria
« Quem cuida do Brazil ?

Alguem cuida, cuidam alguns pensadores no recesso do seu gabinete, esses em cujo coração não apagou-se a santa scintilla do amor patrio; mas são poucos, e só de longe em longe é que o seu esforço patriótico pôde balouçar um pouco as náus em que navegam descuidados os que tem tomado a seu cargo dirigir os destinos do Paiz. Dizemos: *tomado a seu cargo*, e dizemos *propositamente*, porque é sabido que as massas, as directoras naturaes dos destinos da Patria, porque representam a maioria da Nação, estão immersas no cahos da maior insciencia, e ou escravizadas, ou alheias ao movimento politico, que faz-se exclusivamente por conta de uma minoria duplamente incompetente.

« Livral-as desse estado, instruil-as é o unico meio de fazer a *revolução* necessaria ao nosso progresso.

« Instruindo, não ha quem não ame com delirio esta grande terra em que nascemos, e com tanto maior exaltação quanto maior for o conhecimento que for adquirindo de que ella só é pequena por culpa de seus filhos.»

Este bello programma tem sido fielmente e brilhantemente executado. A *Revista* tem sido abundante de artigos sobre finanças, hygiene, agricultura, industria, artes, sciencias, etc., etc.

Recomendamos com empenho os que se inscrevem:

« O trafico e os trabalhos abolicionistas no Brazil », « A situação financeira da Bahia e os meios de remedial-a », « As loterias », « Receitas e processos uteis » etc.

A parte material da *Revista* casa-se perfeitamente com a mental. E' impressa em magnifico papel, typo elegante e novo, impressão nitida; 12 paginas, em duas columnas.

Esta publicação honra a Bahia e o paiz, e a este como aquella está destinada a prestar importantissimos servicos.

Saudamos seu fundador e director — Dr. Benjamin Franklin, desejando á *Revista Popular* gloriosa e proficua longevidade.

V. M.

DULIA

Para falar-te de amores tenho
Todas as flores;
Pois os amores...
Para cantal-os rimas engenho!

Rosas e beijo, lyrios e cravo
Dão-me a lembrança
Desta esperança
De ser e sempre eu teu escravo.

Basta um olhar, chega um sorriso,
P'ra dominares
Os meus olhares
E os meus affagos, se for preciso!

Vejo-te em sonhos, e a cada instante
Vejo-te bella!
Sacode, estrella,
Por sobre mim tua luz brilhante!

Quero-me dentro d'esses teus olhos;
E lá no fundo
Achar um mundo
Onde não haja sombra de abrolhos!

Teu coração todo se veste,
Que encantamento!
Num só momento,
Num só minuto de azul-celeste.

E os sonhos todos e as esperanças
— Aves doiradas,
Enamoradas
Vivem lá dentro lepidas, mansas!

No teu semblante, Deus que formou-te,
Oh, que alegria!
Pousou o dia
E em teus cabellos pousou a noite!

Fez-se uma vida das nossas vidas!
E como as plumas,
Como as espumas,
Nossas caricias vivem unidas.

O' meu conselho! O' miulha santa!
Se hoje te vejo
Dou-te num beijo
Toda a minh'alma que exulta e canta!

Toda a minh'alma que olha o universo!
Doida, solerte,
Para trazer-te,
Para encerrar-te dentro de um verso!

Deus que te fez mais que as formosas
Formosa e boa;
Deus, que perdoa
A mão do infante que fere as rosas;

Deus, do seu throno todo azulino,
O' meu conselho!
Deus—o bom velho,
Ha de guardar-uos um bom destino!

Não te arreceis!. seguindo vamos
Pelo caminho...
Olha este ninho
Que delicia gosa entre os ramos!

Se suprender-nos a noite escura
Da estrada em meio,
Oh, sem receio
Nós dormiremos na sepultura!

E ao despertarmos á claridade
Que revigora,
Por nua aurora
Tu tomarás a Eternidade!

Não te arreceis!. seguindo vamos
Pelo caminho...
Olha este ninho
Que delicia gosa entre os ramos!

1886.

ALFREDO DE SOUZA.

À VIDA ELEGANTE

Principio de anno e abundancia de festas: bailes a dar com um pau; os confeiteiros não têm mão a medir e as caixinhas multicores de saborosas amendoas andam ahi por essas casas para regalo das crianças e das moças.

O *Club de S. Christovão* deu nada menos de duas esplendidas *soirées*, na quinta-feira da semana passada e na terça d'esta, as quaes corri pressurosas, despedindo-me assim com ares de quem lá queria passar a vida inteira, apezar de já ter fruido os bons momentos de duas noites feericas.

Quantas moças vi eu, Deus do céu, quantas estrellas fulgentes passavam ante meus olhos, deixando-os extaticos!

E essas noites infelizmente já lá se vão por esse passado fora para nunca mais voltarem.

Realmente é doloroso ir a gente a uma festa, sacrificar o seu coração diante de umas tranças negras d'um rosto angelico de alabastro e ter afinal de contas, de retirar-se e entristecer sob o peso de uma grande saudade. Valha-me ao menos a esperanza de poder voltar ainda muitas vezes e sentir reviver essa ventura de estar ao lado de tantas bellezas excepcionaes que levam a alma do mais pacato burguez ás regiões perigosas mas delicias do lyrisimo.

Agora que já falei do principal atractivo do *Club de S. Christovão* passo a dizer que esteve magnifico o concerto realizado na primeira reunião, o qual foi precedido da distribuição de premios aos Srs. J. D. Nogueira, Luiz, Indig. Alexandre Baptista, Luiz Guerra, Julio Mallet, Eusebio Vianna, Joaquim de Mendonça, Gusmão Filho, Antonio H. Barata e Honorio Lobo, vencedores no torcico de bilhar que se realizou antes das festas.

Ao *Club de S. Christovão* mil felicitações pelas suas bellas *soirées* e que ellas se reproduzam é o que deseja o

Ego sum qui sum.

Eu sou quem sou. Tenho pernas p'ra todas as *soirées* de quantas sociedades dançantes ha por este mundo.

E' afinal de contas ninguem melhor do que eu sabe comprehender este orbe cheio de lagrimas e sorrisos! E' elle uma bola a rodar, a rodar, e ahi vou eu dançando á proporção que ella vira, at-que chegue o fatal momento de ajustar contas com aquella sujeita de garras aduncas que não é p'ra graças e que tem uma aversão de todos os diabos aos bailes.

Mas o melhor é fallar da partida do corrente mez do *Grupo Familiar* de Nitheroy.

Toda a noite passei eu dando que fazer aos olhos e ás pernas; e quando o sol rasgava as roseas cortinas do levante, eu—triste mortal, cerrava as do meu leito e escondia-me no delicioso poente do dito, depois de ter assistido a uma festa esplendida, a um magnifico concerto em que tomaram parte as Exmas. Sras. DD. Maria Eliza de Andrade e Francisca Soares de Freitas, que cantou um trecho de *La forza del destino* de Verdi, e os Srs. Dr. Julio Faria, Horacio Lemos (que me fez ouvir uns bons pedaços de musica em clarinete e saxophone), Eduardo Kervey, na melodia *Si tu m'aimais*, de L. Denza, Cruz Ferreira, Genaro Arnaud, Rossi, F. Martins e Raphael Agostini.

A' digna directoria do *Grupo Familiar* mil agradecimentos pelo convite que dirigiu á *Semana* para a sua bella festa.

LORGNON.

Um soneto inedito de José Bonifacio

Confiou-nos um amigo o seguinte soneto inedito de José Bonifacio. Chamamos para elle a attenção dos leitores.

QUÊ

*Um quê de brando e um não sei quê de altivo
No rubro labio crespo de carmim,
Um quê de fina mofa, e assim, assim
Nos olhos seus um não sei quê de vivo;*

*Um quê e um não sei quê que em traço esquerdo
Na mobil graça me diz—não—e—sim—
Um quê d'entre o coral, vindo o marfim,
De um não sei quê de voz ou som festivo;*

*Um quê de leve aragem no sorriso,
De leve borbuleta um não sei quê
No aéreo passo que subtil diviso;*

*Traquinando, menina, escuta e creê:
De todos estes quês do Paraíso
Se não ha para quê de diz porque.*

JOSÉ BONIFACIO.

« O RETARDATARIO »

O amavel escriptor do *Boletim do Paiz*, dando noticia do ultimo numero da *Semana*, referiu-se ao conto de concurso publicado com o titulo que levam estas linhas; referiu-se com palavras de louvor, que sorprendenderam pela attenção que mereceu a um organ da imprensa diaria aquelle modesto ensaio de litteratura amena; mas ao louvor accrescentou uma censura, que não parece justa.

Lastima « que o final da terceira parte encerre uma idéa, que, sendo aliás desenvolvida com chiste, nem porisso deixa de inspirar certa repugnancia »; acha pouco verosimil o facto, que considerará como aberração da perversidade ou da corrupção.

Cuido que o distincto relator do movimento da imprensa diaria, no *Paiz*, applica este conceito ao typo de mãe delineado no conto. Se assim é — e parece que não pôde ser outra coisa, — a censura é, como já disse, injusta, e a restricção que se lhe poz, dizendo que a idéa foi desenvolvida com chiste, se não é ironica, é inteiramente descabida.

Comecemos por este ultimo ponto a breve resposta que temos de oppor ao illustrado critico.

Nunca foi proposito do auctor do conto dar tom chistoso ao amor que Marianna nutre pelo genro e ao odio que vota á filha e que fazem explosão no ultimo capitulo. Se, em obra d'arte, se preocupasse com a moralidade dos sentimentos expressos, — o que não julga que seja dever seu, — podia dizer que aquelles desordenados affectos legitimam-se exactamente pela apaixonada vehemencia que os exalta: a paixão é um dos maximos humanos, como o genio ou como o heroismo: como tal, vale pelo que é, como uma das supremas energias da alma, não precisa justificar-se — impõe-se. Isto tudo, já se vê, no ponto de vista da arte, que é muito mais vasto que o da moral.

Assim, pois, notar chiste onde houve exaltação sincera, não pode acceitar-se como louvor de bom quilate, se é que, na intenção do critico, foi louvor e não graciosa ironia.

Agora, o ponto principal: ao auctorisado censor affigurou-se inverosimil, aberrativo, teratologico, o typo de Marianna: pensa que não deveria entrar

«em um ligeiro conto alegre e gracioso».

E' ponto a discutir se o conto pôde reivindicar o direito de tractar assumptos graves como os que hoje são do incontestavel dominio do romance. Eu penso que pôde, e gente melhor do que eu, Zola e Daudet, por exemplo, assim têm entendido e praticado.

Outro ponto interessante para a discussão: se só o que obedece ao estalão da mediocridade, se só o que não transcende da média observavel, da linha comum, deve ser colhido, como documento humano, para assumpto da obra d'arte, romance ou conto; ou se devem, pelo contrario, preferir-se as excepções.

Não me responsabilizo pela fidelidade da citação, que é feita de memoria, mas creio que foi Dumas Filho quem escreveu que só das excepções valia a pena tractar no drama.

Seja como for, sustento que o caracter de Marianna, se não é vulgar, — e isto é mérito, — é humano. Se é bello — quer dizer, se tem legitimidade artistica, — não sou eu, e a critica quem o deve dizer.

Repugnou ao meu amavel critico; mas porque? Porque é mãe monstruosa, segundo a propria confissão della? Triste razão! Mais monstruosa mãe foi Medea, que, na furia do ciúme, trucidou os filhos que houvera de Jason; e a sinistra irmã de Circe não foi indigna de iuspirar o genio de Euripides e o estro de Corneille.

Não a offereci como exemplo ás mães de familia, como modelo de mãe.

Presumo que Flaubert, o excelso mestre, nunca entendeu, para legitimar a concepção da Bovary, que ella pudesse ser acceita como o typo das esposas.

Nada disto, amavel confrade; nem eu visei a ser chistoso, — e se o consegui, neste episodio, foi completo desastre, — nem cullei, tão pouco, de mostrar a mãe typica, ou, sequer, mãe acceitavel. Estou apenas convencido de que não a fui procurar fora da natureza, nem fora da nossa propria sociedade.

Reclamo para o meu humilde ensaio a verosimilhança, porque, em minha consciencia pelo menos, não escrevi conto phantastico.

Emfim, muito obrigado ao *Boletim do Paiz* pelo favor de sua attenção.

Rio, 13 de janeiro de 1885.

CONCURRENTE N. O.

A TRANÇA

AO MEU AMIGO RODOLPHO PORCIUNELA

Esta sancta reliquia immaculada
Do teu saudoso amor; esta lembrança
Da vida que fugio, arrebatada,
Ligeira, como um sonho de creança,

Nos sonhos de uma noite de bonança...
— Eu guardo juncto a mim, ó noiva amada,
Emquanto minha vista não se cança,
De vel-a e de adoral-a extasiada...

Com os fios d'esta trança, tão escura,
Tão negra, sim, que até minh'amargura
Invejara-lhe a côr, e tão macia...

Qual petalo de rosa!... eu teço á noite,
Da viração sentindo o brando açoitio,
— O epitaphio da minha campã fria!

Bahia—1883.

PAULA NEY

CONTOS A PREMIO

(Vide *Semana*, n. 47)

Temos mais dois concorrentes: *J. Bar*, *Silva Claudio* e *R. Octavio*.

Lembramos aos senhores que desejem concorrer que o prazo para recebimento dos contos encerrar-se-á no dia 14 do proximo mez de Fevereiro. Apressem-se, pois.

SPORT

Com regular concurrencia e na melhor ordem realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Fluminense*, que tiveram o resultado seguinte:

Correram no 1.º pareo (1020 metros) *Mandarim* e *Aurelia*, ganhando aquelle com facilidade.

No 2.º pareo *Savana* bateu perfeitamente *Barbara* e *Chrichaná*, sendo o tiro 800 metros e 60 segundos o tempo da corrida.

Correram no 3.º pareo (1350 metros) *Boyardo* e *Douro* ganhando aquelle em 95 segundos.

No 4.º pareo, deixando de correr *Frisca*, *Saphira* sahiu victoriosa de *Jaquary*.

Coube a victoria do 5.º pareo, contra a expectativa geral a *Mandarim*, que bateu *Garibaldi* e *Boyardo* (1350 metros) em 93 segundos.

No 6.º pareo (1.100 metros) *Africa* em 82 segundos venceu os competidores e firmou seus creditos de conhecer aquella raia.

No ultimo pareo fizeram um triste *embrulho* para ganhar *Orione*, mas a digna directoria, que não está disposta a endossar patotas, annullou a corrida, no meio de geraes applausos. Foi o caso que os jockeys de *Conde* e de *Barbara* não tractaram de ganhar, mas de atrapalhar *Savana*, protegendo escandalosamente *Orione*.

Os *bilontas* perderam o seu latim. Viva a distincta directoria e continue o *Hippodromo Fluminense* a proceder com seriedade e independencia.

CANTER.

O *Hippodromo Guanabara* effectuou no ultimo domingo mais uma corrida sendo bem regular a concurrencia, apesar do publico ter sido forçado a dividir-se.

A directoria foi incansavel em obsequiar a todos os seus convidados e se o divertimento não foi melhor a culpa foi de alguns proprietarios retirarem seus animaes o que tornou os pareos menos importantes e mais faceis para os *conchavos*.

De 11 animaes inscriptos no 1.º pareo (850 metros) apenas correram *Rubim*, *Eucharis*, *Cruzeiro*, *Didi* e *Tchang*. Sahio victoriosa *Didi* em 64 segundos, mas o culpado foi o jockey da *Eucharis*. Não sei em que pensava o *innocente* rapaz quando fez a corrida. Depois de tomar a ponta e tendo animal duro, não puchou por elle, deixou *Rubim* passar e logo depois *Didi* e foi ficando, ficando, sem reparar que *Didi* ia sendo posta no freio. Ora...era impossivel na pequenina recta fazer milagres e *Didi* ganhou esbarrada. Toca o hymno, rapaziada! Viva D. Quixote. (Poule.....678300.)

No 2.º pareo havendo empate entre *Druid*, e *Vampa*, correram ambos de novo os 1000 metros e *Druid* folgadoamente venceu em 71 segundos. Dos animaes inscriptos só tomaram parte *Nicoaffi*, *Schalchi*, *Araby*, *Druid* e *Vampa*.

No 3.º pareo correram *La Linda*, *Guzida* e *Coralia*, que fez victoriosamente

os 1800 metros em 1:35 segundos. A pobre da *Gazida* com um jockey tão pesado e que puchou-a desde o começo acabou cedendo terreno a *Coralia* que foi perfeitamente corrida pelo joven Gustavo.

No 4.º pareo..... tenham a paciência de esperar que ainda não appliquei o binoculo..... Enfim lá vae o que vi com estes que a terra ha de comer. Vi na taboa *Vampa* vender 122 poulas quando devia vender 22 e comecei a ficar intrigado. Bacorejava-me um palpite de que o *Druid* ia caçar com o meu cobre. Subi para a archibancada e só embirrei com o *Vampa* não enfileirar, querer sahir feito, o os jockeys de *Nicoaji* e de *Druid* parecendo achar isso muito bom e sem farofa. E o facto é que *Vampa* acabou sahindo feito e sem que os competidores em 1450 metros se lembrassem de esticar. So na recta e depois que era impossivel vencer, *Druid*, que vinha preso, levou duas chicotadas de amigo. (Poule... 328:300).

No pareo de amadores (1000 metros) o abaixo assignado não podia dar pernas ao bucanarte *Sultão* e com a pessima sahida que houve, por um triz fica na mais triste bagagem. Ganhou facilmente *Serodio*, montado pelo habil amador dr. Daniel, chegando em 2.º lugar o Snr. Pelagio, que montou o *Bilontra*, obrigando-o a fazer uma boa corrida apesar de se haver arrebetado um estribo.

No 6.º pareo (1000 metros) *Gazida*, montada por Manoelzinho bateu com vantagem *Bella Alliança* que, aliás, não é mau animal e promete para o futuro.

Correram no ultimo pareo *Foscal*, *Zizaina*, *Didi*, *Serodio* e *Eucharis*. O jockey de *Eucharis* não quiz (desta vez) fazer do chicote um canço de pescaria e quando viu *Didi* na frente, foi buscal-a, bateu o couro na *Eucharis* e dentro de pouco tempo a *Didi* ficava para traz como uma criança desmamada.

A's 6 1/2 terminou o divertimento e na barca via-se a figura radiante dos Jucas..... e dos Manducas..... tambem.....

Ainda uma vez não me cançarei de fazer um appello para que todos os pareos sejam corridos com maior lisura. O publico, que tanto ama esse divertimento, não pode estar á mercê de *mds inspirações* dos jockeys, que por vezes compromettem seus patrões.

Os primeiros a soffrer serios embaraços com isso são os proprietarios, visto que de dia para dia o publico vae ficando retrahido e já começam os pareos a dar prejuizo aos cofres das sociedades, que serão dali obrigadas a reduzir cada vez mais a importancia dos premios.

Na verdade é tudo que ha mais significativo o annunciarem a venda para um pareo e o publico conservar-se quieto e só se esforçando para ver se descobre qualquer *marosca*.

L. M. BASTOS.

A EDADE DO PAPÁ

(LUIZ RATISBONNA)

— Que idade tens, papá ?

— Trinta annos. — Mas então tens a idade acabada.

— Como acabada ? ! Tu queres que eu morra já ?

E' cedo, espero em Deos vel-a muito augmentada.

— Que tempo falta mais ?

— O tempo, meu amor, que um filho inda menino

precisa sem cessar cuidados paternaes,

emquanto, — entendes bem ? — tu fores pequenino.

— Depressa crescerei, pões ficar tranquillo !

.....

E o pae beijou sorrindo o ingenho crocodilo.

ADELINA LOPES VIEIRA.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Pois que tanto se tem fallado nos ultimos tempos do infeliz rei Affonso XII, de Hespanha, não virá fora de proposito a seguinte anedocta:

«Era em 1869, á partida do balão monstro de Nadard, o *Geant*.

Terminaram os viajantes os seus preparativos. Tudo estava disposto na barquinha e pouco tardaria a voz de: *Larga!*

De repente, uma creança de uns doze annos, que se achava com o seu preceptor no recinto reservado, poz-se a saltar na barquinha que só esperava os aeronautas. Um d'elles Wilfrid de Fenvielle, que receiava que o intruso lhe inutilisasse os instrumentos, aproximou-se d'elle encolerizado:

— «Tirem-me d'aqui este *petiz!* disse para um dos seus ajudantes.

— E' um principe! disse-lhe baixinho um dos assistentes.

— Aqui não ha principes! replicou elle. Anda meu garoto, trata de te por lá fora. E pegando-o pelo braço pol-o fora da barquinha. O garoto era o futuro rei de Hespanha.

Um nigromante, que estudára a mão de V. Hugo, acaba de apresentar o resultado de suas observações. E' este:

Pela mão que o poeta possuia deveria elle fatalmente obedecer ao impulso de duas forças não equilibradas, impellido-o, atirando-o alternativamente ás profundezas do ideal ou ás asperezas da realidade.

Pelos delos compridos, ponteagudos, a mão é *psychica*: pertence ella ao «primeiro mundo». Pela palma que é larga, forte e mais comprida que os delos; pelo *nó de ordem material* que existe entre a segunda e terceira phalange, e faz o dedo nodoso; pelo volume das tres phalanges, a mão é *material*: pertence ao terceiro mundo.

Esta concordancia entre a forma da mão e a disposição das linhas confirma do um modo cathgorico a dupla impressão de que V. Hugo deveria ter soffrido a influencia contradictoria.

Obedecendo ao impulso do primeiro mundo, foi elle o patricio, o aristocrata, o realista, o poeta religioso e mystico que cantou Deos e o Rei.

Obedecendo ao impulso do «segundo mundo», foi elle o plebeu, o democrata, o republicano, o homem popular que viveu da alma das multidões, que lisongeou as paixões do povo e que se embriagou com os seus louvores.

Em resumo a mão de V. Hugo diz que elle não possuia nenhum dos elementos de ponderação e de equilibrio que dá o mundo intermediario, segundo diz o *mundo philosophico* ou *material*: As poderosas influencias antagonistas dos dois mundos extremos o *Divino* e o *Material* explicariam sufficientemente a originalidade do seu talento, os desvios e as excentricidades do seu genio e as fluctuações em que alguns viram um crime.

Como um balão sem lastro, em corrida desigual, apparece irregularmente ao povo maravilhado como estrela perdida nas profundezas do ceo ou qual monstro gigante rastejando pelo solo. Assim—conforme a sciencia Hermetica—V. Hugo pelas duas faces de seu incomparavel genio *desquilibrado* deve apparecer aos olhos deslumbrados da multidão que o idolatra, e, se ousasse levar mais longe a antithese tão amada pelo divino poeta, diria com a Negromancia, que elle foi um louco sublime!

ALFINETE.

THEATROS

LUCINDA

Com um bom numero de espectadores deu-nos a companhia d'este theatro, na noite de 11 do corrente, a engraçada e popularissima parodia de Arthur Azevedo—*A Filha de Maria Angú*.

O desempenho não se pode dizer que foi mau.

Rosa Villiot no seu papel de *Clarinha* esteve como sempre—magnifica.

O actor Colás fez o que poudé para dar-nos um bom *Bitú*; e conseguiu por vezes comquanto a sua voz não o ajudasse em certas occasiões.

Peixoto no papel de *Barnabé*, Martins no de *Subdelegado* e a actriz Blanche Grau no de *Chica Walsa* portaram-se perfeitamente.

Santos Silva deu uma bella interpretação ao seu vaporoso *Sotta e Az*. O mesmo não diremos do actor Germano que esteve infelicissimo no papel de *escrivão*.

Ah! como nos recordamos do Lisbóa que no Sant'Anna faz um *Escrivão* ás direitas: engraçado como todos os diabos.

Os demais artistas mantiveram-se na altura dos seus papeis embora de segunda ordem.

A orchestra é que teve uns cochilos... que com certeza não se repetirão, pois o maestro Cardim tem batuta, nem quer que a sua *troupe* faça uma cousa que o bom Homero já fez e que o Snr. D. Pedro II ajuda faz... nas conferencias da *Gloria*.

A MULHER HOMEM

Subiu á scena do Theatro Sant'Anna, na noite de 13 do corrente, como estava annunciado, a revista dos acontecimentos de 1885, escripta pelos redactores d'esta folha Valentim Magalhães e Filinto de Almeida.

Constituindo essa circumstancia motivo de absoluta suspeição, eximimo-nos de tratar da peça.

O que é e o que vale dil-o-ão os nossos collegas e, em ultima instancia julgará o publico. A concluir pela primeira representação, *A Mulher-Homem* alguma cousa vale, pois foi ouvida com inequivocas mostras de agrado e applaudida com enthusiasmo.

Ha bastante tempo não se via no «Sant'Anna» uma *casa* como aquella, (não havia um unico logar vazio em ponto nenhum do theatro!) nem tão francos e tão ruidosos applausos.

Se foi, no entanto, verdadeiro successo não o podemos dizer; encarregar-se-á d'isso o nosso amigo—*O Respeitavel*—se durante muitas e muitas noites fór ao «Sant'Anna» appaudir a *A Mulher-Homem*.

Fallaremos, pois, unicamente do desempenho.

Vasques, o incomparavel e estimadissimo Vasques, deu ao seu trabalhoso papel de Opinião Publica uma interpretação admiravel, acima de todo elogio. Teve graça ás pilhas, graça a valer; do principio ao fim da peça conservou a plateia em constante hilaridade. Reproduziu magnificamente o typo dubio, versatil, peixe-carne, vario e voluvel da *Mulher-Homem*. Recitou de modo impecavel, espirituosissimo, os versos em que se define:

« Eu me explico num momento,

« E ha de entender-me afinal:

« Na forma e no pensamento

« Sou um ser insexual, etc.

Nos quadros das eleições, dos theatros e da Praça do Mercado, especialmente, Vasques foi inexcédível de *verte* e de alegria.

Guilherme de Aguiar fez o seu papel de Diogenes como costuma fazer todos elles: irreprehensivelmente. Caracterisação, gestos, voz, olhar, dicção—rigorosamente correctas, concorrendo harmonicamente para a criação de um typo engraçadissimo e sympathico. A sua entrada no prologo:

« Sou Diogenes, o cynico,
« O phylosopho immortal, etc.

é de um comico irresistivel. No terceiro acto, quando, influenciado pelo *Cavaignac*, apparece de bigode e pera, acompanhando uma mulatinha, Guilherme de Aguiar fez rir os espectadores longamente, em gostosas risadas que parecia não acabarem mais. Em uma palavra—magnifico.

Phébo, esse joven actor, tão intelligente e trabalhador quanto modesto,—revelou mais uma vez a abundancia e riqueza dos seus recursos artisticos. Representava o Abolicionismo na figura do seu principal propugnador; e com tão flagrante verdade e tão minuciosa felicidade o representou, que aos espectadores parecia estar ali no palco, o proprio abolicionista celebre, esforçando-se vivamente para obrigar a Opinião a interessar-se pelas idéas abolicionistas e apressar-lhes a victoria. Bravos, Phébo!

Pinto apresentou-nos uma hilariante « Sapho... de suissas » e um principe Ubá maravilhosamente parecido.

Polero apresentou um bom typo do actor Ando e fez muito bem a parodia da scena do 4º acto da *Dama das Camélias*.

A Sra. Dolores Phebo disse com grande firmeza, correcção e gentileza o seu papel de Imprinsa, a que teria dado mais brilho e maior realce se o houvesse desempenhado com mais vivacidade e de: e. n. b. aração.

A Sra. Rose Meryss, foi e com justiça applaudidissima no papel de actriz Duse-Chechi, cujas inflexões vocaes e gesticulação languida imitou com grande felicidade.

Mlle. Delsol fez com toda a elegancia e muito graciosamente os papeis da *Pilheria* e da *Semaa*, cujas coplas cantou deliciosamente.

Foito mostrou mais uma vez que é um actor distincto e de grandes recursos. Fez um *Carapetão 1002* burlesco a valer; e no ultimo acto mettido na caracterisação de Frank-Brown, parecia o proprio clown da Companhia dos Irmãos Carlo, em carne, osso e vestimenta de folhos, com careta á rectaguarda.

Mattos deu um excellente *Reporter* e um engraçado *Cajiró*. Areias, Lisboa, Mesquita, Silva, Nino, e DD. Felicidade, Delmary, Isabel Porto, Athayde, Adeliño, etc. com o bom desempenho dos seus respectivos papeis muito concorreram para o bello exito da peça.

Infelizmente André e Machado não trataram dos seus papeis com o cuidado e o esforço que lhes deviam merecer.

Os scenarios agradaram muito com especialidade os da apothese a V. Hugo, de Coliva, os do prologo e ultimo acto, de Carrancini, e o da praça das Marinhas, de Frederico de Barros.

A musica agradou em geral, tendo feito grande successo o «jongo dos sexagenarios», que foi bisado e muito applaudido, e o catereté das quitandeiras que não foi repetido, como pedia o publico, por não dar tempo a rapidez da mutação de quadro. Estes dois numeros são do nosso collega Henrique de Magalhães.

Parece-nos que não é arrojado augurar á *Mulher-Homem* longa e prospera carreira.

Amem!

PRINCIPE IMPERIAL

Realizou-se ante-hontem neste theatro com um numero regular de espectadores, a *premiere* da engraçada opereta *Mam'zelle Nitouche*.

Por falta de espaço deixamos de contar aos nossos leitores o enredo aliás simplissimo e interessante d'esta opereta. Que nos perdoem.

O desempenho foi muito bom. A intelligente e distincta actriz-cantora Pepa interpretou e disse admiravelmente o seu papel de Dionizia, mais tarde *Mam'zelle Nitouche*.

O actor Machado foi felicissimo no papel de Constantino. Corrêa nada deixou a desejar no Major. Foi um verdadeiro militar.

Manarezzi sustentou com talento o papel de Superiora do convento das Andorinhas; o mesmo aconteceu com o Peixoto no de furriel Lorient que muito nos fez rir.

Sepulveda deu-nos um Visconde tenente muito regular. O diabo é a sua voz que desafina muito e muito.

Os demais actores concorreram habilmente para o bom desempenho da peça.

Os côros foram caprichosamente en saídos.

Souza Bastos que aceite os nossos parabens e o publico que lhe dê boas casas todas as noites.

E' o que desejamos.

Está annunciada para o dia 28 do corrente a primeira representação d'*O Bilontra*, a revista do anno de 1885, escripta por Arthur Azevedo e Moreira Saampaio. Esperamol-a anciosamente, preparando-nos para applaudir *totis viribus* a nova peça e certo triumpho dos applaudidos comediographos.

O CARREIRO

*Tanta vez nos levou este carreiro aonde
Dorme o açude sombrio, que nenuphar infesta;
Cançados, tanta vez abrigou-nos à fronde
Mangueira secular, orgulho da floresta.*

*O chocalho dos bois a espessura responde;
Trautê a lavadeira, aos ardores da sesta,
Muito recesso ahí teus segredos esconde,
Muito trepido arroio a fronte deo-te mesta.*

*Rotas e sabiãs a aura sonorizando,
Prenhe da nostalgia idéal dos olores
Mais de um choram-me ao seio idyllico velho e brando*

*E a saudade a seguir, acalentando as dores,
Aquella alma de outr'ora encontro-a soletorando
Antigas iniciaes em tronco ebrio de flores.*

RECIFE

ALCIBIADES FURTADO.

FACTOS E NOTICIAS

Com o titulo *Chromos e Filigranas* deve sair brevemente das acreditadas officinas dos Srs. Moreira Maximino & C. um novo livro de contos devido a penna do Sr. José Felipe Pestana.

Comquanto já nos fossem mostradas algumas paginas desse interessante trabalho reservamos o nosso juizo para quando o livro sair do prelo. O nome do auctor dos *Chromos e Filigranas* não é o de um desconhecido no mundo lit-

terario. Já publicou duas-obras: — *Miniaturas em prosa* (duas edições) e *A escravidão*, Esperamos anciosamente o seu terceiro livro que virá certamente consolidar de modo brilhante a sua reputação de escriptor.

Pelos srs. Laemmert & C. foi-nos offerecido um exemplar do *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil*, para o corrente anno.

O *Almanak*, fundado em 1841, tem percorrido o longo periodo de 43 annos—sempre em progressivo desenvolvimento e é hoje, no seu genero, um dos primeiros, senão o primeiro, da America do sul.

Ao sr. Arthur Sauer deve actualmente o commercio, o grande desenvolvimento dado ás secções que se prendem com os seus interesses; esse desenvolvimento, devido a uma pertinacia inexcedivel, a uma lucta constante para a colheita de informações, tornam o *Almanak* uma obra recommendavel porque representa o cumulo do esforço.

O *Almanak de Laemmert* foi distribuido no dia 1º do corrente; nos annos anteriores, só era entregue aos assinantes em Abril ou Maio:—prova isto que o Sr. Arthur Sauer não poupa esforços para corresponder ao acolhimento que o seu trabalho tem tido.

No *Almanak* ha algumas lacunas como geralmente acontece em obras d'este genero; a parte relativa a escriptores publicos, por exemplo, é mais do que incompleta. Não é isso, no entanto, um defeito irremediavel e quem tanto tem conseguido hade conseguir igualmente corrigir estes ligeiros senões.

Agradecemos a offerta.

Falleceu em Rezende a Exma. Sra. D. Maria Blandina da Fonseca Frões, mãe do Sr. Americo Froes, empregado no *Gazeta de Noticias* e irmã do nosso estimado collega Dr. Dermeval da Fonseca, redactor d'aquella folha.

A ambos os nossos sinceros pezame s

INSTRUÇÃO PUBLICA

Publicamos em seguida a relação das approvações obtidas pelos alumnos do acreditado «Collegio Pujol», estabelecido em Mendes, localidade servida pela E. F. Pedro II, perante as commissões da Instrução Publica, no anno lectivo de 1885.

Por ella se verificará o grau de importancia a que attingiu aquelle estabelecimento de educação. Eis a referida relação:

Portuguez

PROFESSORES, O DIRECTOR E O SR. P. CALDEIRA

Approvados plenamente:

- 1 Alceste Pujol (Mendes).
- 2 Alzira Pujol (Idem).
- 3 Alvaro C. Couto (Turvo do Pirahy).
- 4 João Pedro da Silva (Córte).
- 5 Raul Lopes da Silva (S. João do Principe).
- 6 Eurico de Lemos (Barra Mansa).
- 7 Edmundo Mariano e Silva (idem).
- 8 Antonio Oliveira Lomeu (Lage do Muriahê).
- 9 Manoel Kuewitz Braga (Ipiabas). Approvados.
- 10 Affonso Veiga Cabral (Pirahy).
- 11 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).

- 12 Alderano Freitas Crissiuma (Barra Mansa).
- 13 Renato Pegado (Mendes).
- 14 Alvaro M. Moura e Mello (Barra Mansa).
- 15 Antonio Clemente Duarte (Ubatuba).
- 16 Octavio Teixeira de Carvalho (Cantagallo).
- 17 Leopoldo da Silva Santos (Mangaratiba).
- 18 Osorio Barbosa Salgado (Tres Ilhas).
- 19 Joaquim Gomes Pereira (Dores do Pirahy).
- 20 Honorio Pereira Mello (Queimados).
- 21 Manuel Teixeira Araujo (Passa-Tres).
- 22 Manuel Caetano Oliveira Guimaraes (S. João do Principe).
- 23 Julio Brandão de Magalhães (S. Paulo de Murialhe).
- 24 Herculano Fernandes Pereira (Sant'Anna de Palmeiras).

Francez

PROFESSOR O DIRECTOR

- Approvados plenamente:
- 25 D. Angelina Ferreira (Macacos).
- 26 Pedro Luiz d'Almeida (Barra Mansa).
- 27 João Rodrigues Cardoso (Pelotas).
- 28 José Pedro da Silva (Córte).
- Approvados:
- 29 Lucio Pereira de Mello (Queimados).
- 30 Tancredo de Carvalho (Parahyba do Sul).
- 31 Jorge Marques Dubouchet (Córte).
- 32 Emilio Gama Lobo d'Eça (Corumbá).
- 33 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).
- 34 João Lopes Oliveira Souza (S. João da Barra).

Inglez

PROFESSOR, O SR. LEVINDO LAFAYETTE

- Approvados plenamente:
- 35 Arthur Baptista Campos (Córte).
- 36 Lauro Teixeira Campos (Pirahy).
- Approvados:
- 37 Gastão Camara Barreto (Cantagallo).
- 38 Americo Barbosa dos Santos (Pirahy).
- 39 João Lopes de Oliveira e Souza (S. João da Barra).
- 40 Victor Gonçalves Barbosa (Pinheiros).
- 41 Olintho de C. M. de Carvalho (Campos).
- 42 Luiz Francisco da Silva (Pirahy).
- 43 Valentim Coelho Portas Junior (Pirahy).

Latim

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvados plenamente:
- 44 José Antunes Moreira (S. João da Barra).
- 45 Theophilo de Souza Lima (S. Paulo).
- Approvado:
- 46 Arthur Mexias (Mendes).

Geographia

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado com distincção:
- 47 Luiz Francisco da Silva (Pirahy).
- Approvados:
- 48 Arthur Baptista Campos (Córte).
- 49 Antonio Teixeira Lazzarini (Vassouras).

Arithmetica

PROFESSOR, O DR. CLEMENTINO DE ARAUJO

- Approvados plenamente:
- 50 Henrique Coelho (Corte).
- 51 Valentim Coelho Portas (Pirahy).
- 52 Emilio Gama Lobo d'Eça (Corumbá).

- Approvados:
- 53 Arthur Baptista Campos (Córte).
- 54 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).
- 55 Elpidio Garcia (Barra).
- 56 João Rodrigues Cardoso (Pelotas).
- 57 Oribes da Silva Castro (Campos).
- 58 Lauro Teixeira Campos (Pirahy).
- 59 José Antunes Moreira (S. João da Barra).

Algebra e geometria

PROFESSOR, O DR. CLEMENTINO DE ARAUJO

- Approvados plenamente:
- 60 Henrique Eichenberg (Pelotas).
- 61 José Dias Moreira (Cantagallo).
- 62 Alfredo Pujol (Mendes).
- Approvados:
- 63 Antonio P. Souto (Algrete).
- 64 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).
- 65 Tancredo Carvalho (Parahyba do Sul).

Rhetorica.

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado plenamente:
- 66 Francisco Eugenio Bath (S. João da Barra).

Historia.

- Approvado plenamente:
- 67 Antonio Teixeira Lazzarini (Vassouras), sendo sua professora de historia e geographia a Exma. Sra. D. Otilie Mantueffel.

Philosophia

PROFESSOR, O DIRECTOR

- Approvado com distincção:
- 68 Henrique Coelho (Corte).
- Approvados plenamente:
- 69 J. D. Moreira (Cantagallo).
- 70 Henrique Huch (Pelotas).

Rhetorica e litteratura nacional no collegio

Pedro II (exame vago)

- Approvado com distincção:
- 71 Henrique José Coelho.

Resumo

Approvados com distincção.....	3
Approvados plenamente.....	26
Approvados.....	42
Total.....	71
Reprovados.....	11

Nota.—A frequencia d'este anno foi de 106 alumnos, sendo 102 internos dos quaes 4 gratuitos e 4 externos. D'esses, 54 frequentaram unicamente o curso primario.

O alumno Antonio Teixeira Lazzarini não é alumno do collegio, teve apenas attestado do director.

O resultado apresentado por este collegio é, pois, o mais lisonjeiro possivel. O director agradece aos seus distinctos companheiros de trabalho, os professores Paulo Caldeira, Clementino de Araujo, Levindo Lafayette, Luiz da Rosa, Bazilio Magno e José Joaquim Pereira a dedicacão com que desempenharam seus encargos.

As aulas reabrem-se a 8 de janeiro de 1886, entrando o collegio no 18º anno de sua existencia.

O director.

HYPPOLITO G. PUJOL.

Mendes, 20 dezembro de 1885.

RECEBEMOS

- *O Espectador*, N. 2. Anno II.
- *Estatutos do Centro Catharinense*, Sociedade que se dedica ao desenvolvimento moral e intellectual dos seus socios e dos catharineses residentes na Côte.
- *Correio da Europa* (de Lisboa). Revista quinzenal, n. 26, anno VI.

— *A locomoção* pelos accumuladores electricos por Oliveira de Menezes.

— Do Sr. José de Mello o fasciculo n. 46 do *Cadastro da Policia*.

— Dos Srs. Lachaud & C. um exemplar do *Rio de Janeiro* por Emile Allain. Vamos lê-lo.

— *Le Sud Americain*, n. 28, 2º anno. Magnifico !...

— *Memoria sobre um apparelho photo-electrico* para a exploracão de torpedeiros pelo 2º tenente Carlos Victorio Accioli Lobato.

— *O Cherubim*, n. 18.

— *La Voce del popolo*, anno VI, n. 231. Muito bom.

— O n. 17 da *Le Revolté*. Traz a data de 19 de Dezembro ul imo.

— *A monarchia ou a politica do rei*, do dr. Joaquim Saldanha Marinho.

— *Estatutos do Gremio Litterario Victor Hugo*.

CORREIO

— Sr. Afonso Mello. O seu *Devaneio* (soneto, já se sabe) seria lindissimo se fosse metrificado convenientemente e se em todo elle o senhor observasse os preceitos da arte. Portanto, meu caro senhor, tenha paciencia, mas... não é possivel.

— Sr. Sergio Ademar. A sua poesia, filha, como diz, da impressão de uma leitura, não pôde ser publicada, unica e simplesmente por ser um pouquinho extensa. Tambem como não é precisamente isto o que o senhor quer, mas sim a nossa sabia opinião, dir-lhe-emos que é... boa, ou melhor: que não é má. Gostou?

— Sr. Honorato Faustino. Creia que ficamos com o peito varado pela amargura por não poder publicar o seu soneto—«Dias da infancia». Sim senhor aquillo é que é soneto e o mais são historias! Fechadinho com chave de ouro, que é mesmo uma delicia!

Que é d'ella a chave? Perguntarão os leitores. Eil-a abi vae; pasmae, poetas de todos os tempos:

Para pagar-me o desejado ninho
Que eu punha sorrindo em tuas mãosinhas.

— *Meu caro poeta d'um dia*. Em tua carta, ó tu quem quer que s'jas, disseste que nós diriamos: «nunca pensámos que tu, oh bacharel, desses para poeta.» Realmente assim fallámos com os nossos botões, que, de admirados, quasi cahiram das casas, vendo que tu sempre eras mais alguma coisa que tolo. Os teus versos intitulos: *O enterro do anno de 1885* podem ser quando muito o enterro da arte poetica, mas do anno, esta é que não pega!

— Sr. Bento Magalhães Coelho de Sampaio. Pois quem tem um nome d'estes vae lá cair na asneira de fazer versos?! ai! Deos de misericordia! Emfim... A sua poesia: «A patria e o cidadão» peca por ser muito guerreira: Isto de cousas marcicas, não é comnosco; tenha paciencia!

— Sra. D. Lina dos Santos. O seu soneto *Na roça* é lindo! Nós dissemos lindo? Sim é mesmo lindo o nome que lhe cabe. Talvez não tão lindo como os olhos da auctora, mas... O que elle não tem é orthographia, mesmo nada de orthographia! Mas é lindo! Lá isso é elle... Lindo... fresco; tem uma moça que se vai banhar na ribeira á terceira cantada do gallo; tem mais um rapasola que vae tomar abença (é boa!) ao pae... em camisa... Emfim frescura não lhe feita. Tambem com o calor que atravessamos... E sobretudo é lindo; sim, se isto não é lindo, não sei de mais nada em que se possa applicar este adjectivo. Ai! mas que pena temos nós em não poder publicar uma tão bella peça poetica! Que pena! Que é lindo, ninguem duvide, mas... é impossivel! Desculpe-nos minha senhora.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. - Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) - Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. - Becco das Cancellas n. 2.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRITORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

O COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1896, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota - Não admite alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Nunes e no escriptorio desta folha.

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

tradução do poema de Longfellow, 2\$000.

DE PEDRO AMERICO

© Holocausto

romance, 2\$500

PROSPECTO

DO

ALMANACH MUSICAL

Da Corte e das provincias da Bahia. Pernambuco, Ceará, etc.

Honrado com a photographia de S. A. a Serenissima Princeza Imperial, muito distincta amadora e protectora da arte em nosso paiz.

Contendo todos os nomes e residencias de todos os maestros e regentes de orquestras e concertistas, artistas-cantores, theatros, egrejas, coristas, sociedades musicas, clubs, etc., etc. Com o horario das aulas do Imperial Conservatorio de Musica e seu respectivo pessoal. Ornado de bellas poesias, anedoctas, contos e uma interessante parte litteraria collaborada por distinctos escriptores. Com o numero e rua dos estabelecimentos de musica, casas de concertos, de instrumentos, afinadores de piano, gravadores, impressores de musica, copistas e tudo, enfim, que diz respeito á arte musical.

Grande lista dos distinctos amadores que têm tomado parte em concertos, nesta Corte. Noticias das operas dos maestros brazileiros e das obras musicas da Bibliotheca Nacional

POR

DOMINGOS MACHADO

Recebem-se assignaturase annuncios.
Annuncios 1 pagina..... 5\$000
" 1/2 " 3\$000

O auctor deste almanach, não podendo ir pessoalmente á residencia de todas as distinctas amadoras, pede a graça de remetterem á rua do Hospicio n. 103 seus nomes e todos os dados para serem inclusos no mesmo almanach.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EM PARIZ

REDACTOR—CHEFE: Lopes Trovão.

ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

COLLEGIO NEVES

Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externos, e meio pensionistas.

Leccionam habéis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

DR. F PESSANHA

CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA 86

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.— Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.